

Santa Maria de Moure

MOURE, orago Santa Maria, sob a invocação de Nossa Senhora da Expectação ou Senhora do Ó, foi um curato da apresentação do Reitor do convento dos Cónegos Seculares de São João Evangelista de Vilar de Frades (Bons Homens de Vilar).

Esta freguesia, reitoria dos Arcebispos de *Braga*, foi trocada, juntamente com a de Adães e Encourados, pela de Calvelo em 1441, no tempo de D. Fernando da Guerra.

Calvelo era da apresentação do Convento de Vilar de Frades pela renúncia que nele fez o seu último abade Gonçalves Dias de Barros, mas, como ficava longe, os frades conseguiram a troca por estas três que eram mais perto.

Moure deriva do genitivo *Mauri* do nome *Maurus*.

Nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 vem com a designação «De Sancta Maria de Mauri de Couto de Várzea» na Terra de Faria.

Nas mesmas se diz: que «habet dominus Rex quoddam Regalengum ad Portelam de Requeixo et castinarios»: que «quintana de Sauto dant Regi pró fossadeira de bracele, et pectant de illa vocem et calumpniam».

Esta freguesia pertenceu ao Couto da Várzea, passando depois, pela extinção daquele couto, para o de Vilar de Frades e, como se vê do Censo da População de 1527, era abrangida no julgado de Penafiel.

Confronta pelo norte com a de S. Jorge de Airó e a de Crujães, pelo poente com a de Santa Eulália de Rio Covo, pelo sul com a de São Romão de Fonte Coberta, e pelo nascente com a de Sequiade.

Situada na encosta sul do monte de Airó, estende-se por uma fértil planície, sendo banhada pelo ribeiro de Real que nasce em Bastuço e por dois riachos, um que nasce no monte de Airó, na Cova do Lobo, e outro que vem de São Romão de Fonte Coberta, afluentes daquele ribeiro.

As suas fontes públicas são: a do Pinheiro, a do Feijoinho, a do Agrodel, a de Real, a de Regainho e a das Regadas.

É atravessada na sua extremidade poente pela Estrada Nacional n.º 4 de Famalicão a Barcelos e paralelamente a esta estrada pela linha Férrea do Minho e Douro.

Está ainda assim muito mal servida de estradas, pois o centro da freguesia só pode ser alcançado a pé ou em... carros de bois.

É certo que há um projecto de estrada que, partindo da Nacional n.º 4, freguesia de Crujães, atravessaria esta de Moure, junto à Igreja Paroquial, e iria por Sequiade e Bastuço ligar com a Estrada Municipal de Braga que vem até ao extremo do concelho, a São Julião de Passos.

Ficariam assim quatro freguesias, não das menos importantes, com ligação directa para a sede do concelho, que a não têm, e para a Estação do Caminho de Ferro, o que lhes era muito vantajoso.

Já há muitos anos porém se fala nesse projecto de estrada, para ser construída pela Câmara Municipal ou até pelo Governo, mas o povo desta região não viu realizada ainda uma das suas mais justas aspirações.

A população da freguesia de Moure no século XVI era de 41 moradores; no século XVII era de 60 vizinhos; no século XVIII era de 57 fogos; no século XIX era de

383 habitantes e pelo 7.º Censo da população é de 394 habitantes, sendo 186 varões e 208 fêmeas, sabendo ler 63 homens e 8 mulheres.

Tem, há meia dúzia de anos, Escola Oficial mista que funciona em edifício próprio oferecido ao Estado pelo sr. António José Barbosa.

Tem esta freguesia os seguintes lugares habitados: Assento, Cruzeiro, Balão, Santo Estêvão, Real, Monte de Real, Torre, Pinheiro, Campinho, Lourido, Regainho, Toural, Naia, Agrodel e Regadas.

As suas casas mais importantes são: a de Regainho, a de Balão, a de Agrodel, a de Real, a de Lourido e a da Torre.

A sua indústria exerce-se em vários moinhos e azenhas, em um engenho de serrar, três lagares de azeite, dois movidos a água e um a gado.

Tem duas lojas de mercearia e Caixa do Correio.

Fazia-se todos os anos em Moure a Procissão de Passos. Não tinha a imponência talvez das suas congéneres dos tempos passados em outras localidades, mas ainda assim despertava a fé e a piedade nos corações simples e ingênuos dos povos com a evocação de uma das mais tristes e emocionantes passagens da vida de Cristo e dava sobretudo às mães ocasião de apresentarem orgulhosamente como *anjinhos* seus filhos de corpos iodados e robustos por banhos quotidianos de um sol vivificador e pela alimentação sadia e liberdade de movimentos da vida campesina.

Esses *anjos*, vergando ao peso das arrecadas e cordões de ouro que elas pediam emprestados para lhes lançar ao pescoço, davam-nos a ideia de um paraíso onde havia muito sol, muita luz e muita riqueza.

Por outra parte aos homens oferecia-se-lhes a oportunidade de ostentarem o seu valor e importância pelo

número de amigos que das freguesias circunvizinhas e algumas bem distantes vinham com opas e varas de prata abrilhantar a festividade.

Com essas procissões todos lucravam, até as imagens dos santos que eram limpas e espanejadas uma vez ao menos cada ano.

Realizou-se uma Procissão de Passos nesta freguesia que merece especial referência pela série de peripécias engraçadas que por essa ocasião se deram.

É costume na véspera de tão solene dia juntarem-se na Igreja os mordomos para procederem à limpeza e arranjo dos objectos que têm de servir nas cerimónias do dia seguinte: tiram então respeitosamente a imagem da tribuna, colocam-na com todo o carinho no andor, frizam-he a cabeleira, substituem-lhe a túnica do cotio por a nova que só serve nos actos solenes, atam-lhe à cinta o sagrado cordão e lançam-lhe ao pescoço a afrontosa corda.

À noite, no fim do trabalho, vão todos comer da ceia oferecida pelo tesoureiro, que é essa uma das obrigações do seu cargo.

Na véspera daquela referida procissão, quando estava quase tudo terminado veio a criada do tesoureiro, do Senhor Mateus, anunciar que *a comida* estava na mesa.

Então este, lançando um rápido volver d'olhos para o andor e vendo já tudo em ordem, disse para um dos acólitos: «Deita-lhe a corda e vamos à ceia».

Este dito ficou daí em diante entre o povo para exprimir : acabemos com isso, está terminado qualquer serviço.

Nessa mesma festividade o sermão do *encontro* era pregado ao lado do caminho que devia seguir a procissão, em frente a um largo onde está o cruzeiro.

Como no sítio não houvesse qualquer eminência de terreno, formou-se um púlpito em cima de uma dorna com o fundo para o ar, cobrindo-a com panos apropriados. 272

A procissão seguia o seu trajecto para dar a volta ao cruzeiro e por caminho diferente vinha o andor com a imagem de N. Senhora das Dores, a qual devia encontrar-se com a de seu amado Filho no largo, junto ao púlpito.

Era esta uma das cenas mais comovedoras do dia e que fazia afluir lágrimas de intensa compaixão aos olhos das pessoas que a presenciavam.

Os andores, ao chegarem um perto do outro, pousavam em cima de pequenos bancos, os *pegadores* tomavam ar e descansavam, enquanto o padre do alto do púlpito tocava na alma do piedoso auditório as teclas do seu mais triste sentimentalismo.

O sermão principiava ordinariamente quando passava o estandarte ou *guião* com as consagradas letras S. P, Q. R., que abria o préstito e o orador, atento, ia declamando e regulando-o até à altura do encontro dos dois andores.

Na procissão a que me estou referindo o Senhor dos Passos chegou junto do púlpito na devida e prevista ocasião, mas o andor onde ia Nossa Senhora, surgindo de um caminho transversal, era levado por longe, vagarosamente, demorando desta maneira o encontro combinado das duas imagens. O pregador, arreliado com a demora, recitava pausadamente o seu discurso, até que, impaciente com aqueles vagares, vendo que se estava acabando a corda, interrompe-o e grita-lhes : «levai-a para Barcelos; com esse andar nunca cá chega!» Então os do cortejo de Nossa Senhora, incitados por aquelas palavras, encurtam caminho e apressadamente se dirigem para o sítio aprazado. Chegados aí param e ficam firmes de andor aos ombros.

O padre, que do alto do púlpito tudo via, grita de novo: «Oh! Mateus! Chega-lhe o mocho».

Mal acabadas aquelas palavras, deu-se um facto estupendo que aterrorizou toda a gente; o pregador, como

tivesse proferido a maior das blasfémias, desapareceu do púlpito, afundando-se por ele dentro.

Parecia que a terra vingadora se tinha aberto e o *tragara!*

Restabelecida por fim a ordem e serenidade, viu-se que o caso era o mais natural deste mundo; com o bracejar e bater dos pés do orador impaciente, os tampos do fundo da dorna tinham-se descolado e abatido ao peso da respeitável corpulência de sua reverendíssima.

Em vista deste *fracasso*, a procissão, entre frouxos de riso da assistência, recolheu apressadamente nessa tarde à Igreja.

O povo, conservando de memória todos estes hilariantes casos, ainda hoje os conta, acrescentando cada um, como pode, o seu ponto.

Dos homens mais ilustres, cujos nomes andam ligados a esta freguesia destacaremos os seguintes:

Martim Rodrigues de Araújo, casado com D. Catarina Afonso de Faria, foi senhor por sua mulher da Quinta de Pedregais em Faria, da Casa da Torre e das Terras de Rio do Couto na freguesia de Moure.

Viveram nos reinados de D. Manuel e D. João III.

Catarina Afonso de Faria era filha de Vasco Afonso de Faria e portanto 4.^a neta do grande alcaide Nuno Gonçalves de Faria.

Simão de Faria Mariz, filho de Simão de Faria, foi Cónego da Colegiada de Valença e último abade de Santa Maria de Moreira em Celorico de Basto. Foi senhor de parte das Terras de Rio de Couto que comprou a seu primo Gastão de Faria, unindo-as em vínculo em 1573, com obrigação de missas na Igreja de Santa Maria de Moure, onde teve sepultura. O vínculo de Rio de Couto seguiu na geração ilegítima do seu instituidor.

Jacome de Faria, foi senhor da Casa da Torre e de parte das Terras de Rio de Couto, que ficaram fora do vínculo instituído por seu irmão Simão de Faria Mariz. Estas terras foram mais tarde incorporadas na Casa de Agrodel.

Pedro Velho da Fonseca, Morgado de Balão, em Moure, filho de Diogo Velho da Fonseca e de D. Violante de Faria Mariz, foi casado com D. Briolanja Velho de Andrade, filha de Pedro Velho de Andrade e de D. Filipa Gonçalves, neta materna de Afonso Gonçalves, cavaleiro e instituidor daquele Morgado.

Caetano de Mendanha, filho de Silvestre Pereira Chaves e de D. Joana da Silva, foi senhor do Morgado de Balão e do dos Costas, em Sequiade.

Era homem muito bulhento e de muita força. Faleceu, sem geração legítima, de um tiro que lhe deram na freguesia de Cambezes.

O vínculo de Balão em 1855 era de José Maria Sampaio. *Manuel Lopes Loureiro*, senhor da Casa de Agrodel em Moure, foi sepultado na Igreja do Convento de Vilar de Frades em 1762, em campa que ele mandou fazer para si e seus descendentes, com inscrição, como se pode ver quando trato daquela Igreja.

O Dr. João José Pereira da Fonseca Vilas-Boas, bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra em 2 de Julho de 1773, filho de Manuel da Fonseca Pereira e de D. Maria Angélica de Vilas Boas, senhores do Morgado de Real em Moure. Este Morgado tinha sido instituído por João Alves, em meados do século x vi.

O Dr. João José Pereira da Fonseca Vilas Boas foi casado com D. Antónia Maria Rosa de Vasconcelos Correia, descendente da Casa de Vila Meão em Silveiros» mas não deixando descendência passou o vínculo para a

descendência de sua irmã D. Rosa Maria da Fonseca Vilas Boas, casada com João Martins da Cunha, em cuja geração seguiu.

A antiga Igreja matriz desta freguesia esteve no sítio da Córças, em um campo pertencente hoje á Casa de Lourido. Nesta Igreja tinha sepultura privativa o Cónego da Colegiada de Valença e último abade de Moreira, Celo-rico de Basto, Simão de Faria Mariz, instituidor em 1573 do vínculo do Rio do Couto.

Nos fins do século XVIII, princípios do século XIX, foi mudada esta Igreja para o sítio onde está, caindo em completa ruína o antigo templo de forma que hoje nem vestígios existem.

A actual Igreja, situada em lugar alto, donde se disfruta um largo horizonte, é um templo bem construído, de boa pedraria, no centro de um adro fechado, para o qual se sobe por uma íngreme escadaria. Dentro, porém, é pobre; os seus tectos são de castanho pintados, os altares de talha simples moderna e o baptistério modesto.

Ao lado esquerdo tem a sacristia, pequena, com lavabo de pedra e gavetões de castanho, mal conservados.

Do mesmo lado esquerdo, a facear com a frontaria, ergue-se um modesto torreãozinho para um sino.

O autor do «Minho Pitoresco », ao passar por aqui de comboio, viu, conforme descreve, de um lado a modesta Santa Eulália de Rio Covo e do outro as *agulhas da torre* de Moure, que nunca teve.

Ilusão de óptica ou confusão com a torre de São Jorge de Airó, que do comboio mais adiante se vê.

Naquele torreãozinho estava um sino, com a imagem de Santa Bárbara, que o povo crédulo desta freguesia em outros tempos tocava quando trovejava para afastar as trovoadas.

Há poucos anos adquiriram mais dois sinos os quais, por não haver lugar no torreão, colocaram em forquilhas de madeira, ao lado do antigo. Com o andar do tempo porém estas apodreceram e um caiu e quebrou-se e o outro está prestes a isso.

Em um pequenino largo, junto ao Nicho do Senhor da Agonia, está o cruzeiro paroquial. Erguido sobre uma rocha, compõe-se de uma coluna, encimada por um globo e rematado pela cruz.

No globo tem gravada a data 1611.

No caminho que conduz ao Cemitério e junto a este, ergue-se outro cruzeiro baixo, de reduzidas dimensões, com a data na base 177...

O cemitério foi construído em 1917 e está ainda sem gradeamento.

Em um pequeno largo, ao sul da Igreja está o Nicho do Senhor da Agonia com a imagem de Cristo crucificado pintada.

Na frente cresce um alpendre em colunatas e gradeamento de ferro.

Por cima tem a data 1816 e no gradeamento — «Antônio Joaquim Simões, 1888».

O povo simples desta freguesia acredita ainda em fantasmas e abusões.

No sítio onde estive a antiga Igreja dizem que aparece um gato que vai aumentando de figura à medida que se lhe aproximam. Aumentaria de tal maneira que não caberia no mundo, mas os mais destemidos apenas tem chegado à distância de o verem na corpulência de um gatarrão vulgar.

Não admira que haja essas crendices pois ainda há poucos anos assentou arraiais nesta freguesia um *enxota diabos*, contemporâneo e concorrente do de Amparo! Ve-

remos se com a Escola que acaba de se estabelecer aqui e com a realização do projecto da Estrada, há muitos anos em mente, se dissipará no espírito do povo estas crendices legadas pelos nossos antepassados.

Em 1886 um lavrador, cavando em um campo, encontrou um vaso cheio de moedas romanas com a efígie de Nero... que vendeu a baixo preço *e* outras até as deu.